

NOSSA MENINA

Max Lucado

- Jenna, acorde! Está na hora de ir para a escola.

Ela ouvirá essas palavras milhares de vezes na vida. No entanto, foi a primeira vez nesta manhã.

Sentei-me na beirada de sua cama por alguns instantes antes de dizê-las. Para falar a verdade, não queria dizê-las. Eu não queria acordá-la. Uma estranha hesitação tomou conta de mim.

Sentado, ali, em silêncio, percebi que minhas palavras a despertariam para um novo mundo. Os quatro anos haviam voado e, durante todo esse tempo, ela havia sido nossa, só nossa. Mas, agora, tudo mudaria.

Na noite passada, nós a colocamos na cama como "nossa menina": propriedade exclusiva de mamãe e papai. Mamãe e papai liam para ela, a ensinavam e a escutavam. Mas, a partir de hoje, outra pessoa o faria também.

Até agora, mamãe e papai limpavam suas lágrimas e faziam os curativos. Mas, a partir de hoje, outra pessoa o faria também.

Eu não queria acordá-la.

Até hoje, sua vida resumia-se apenas a nós: mamãe, papai e a irmãzinha Andréa. Mas, agora, seu círculo de amizades se ampliaria: novos amigos e uma professora. Esta casa era seu mundo: seu quarto, seus brinquedos, sua balança. Hoje seu mundo começa a expandir-se. Ela adentrava os corredores da educação: pintura, leitura, cálculos... estava crescendo.

Eu não queria acordá-la. Não por causa da escola, pois é uma excelente escola. Não por não querer que ela aprenda, pois Deus sabe que eu quero que ela cresça, leia e amadureça. Não porque ela não queira ir. Ela só fala da escola desde a semana passada!

Não, eu não queria acordá-la porque não quero entregá-la.

Mas, de qualquer maneira, eu a acordei. Interrompi sua infância com a inevitável declaração:

- Jenna, acorde... está na hora de ir para a escola.

Levei a vida toda para me vestir. Denalyn viu o meu sofrimento e me ouviu murmurando a canção Sunrise Sunset* [Aurora, ocaso] e disse:

- Você não suportará o casamento dela.

Ela está certa.

Nós a levamos para a escola em dois carros, para que eu pudesse seguir direto para o trabalho. Pedi a Jenna que fosse em meu carro. Pensei que, dessa maneira, lhe daria um pouco de segurança paterna. Mas, na verdade, era eu que precisava de segurança.

Para alguém dedicado à arte das palavras, consegui falar somente algumas poucas. Disse a ela que se divertisse, que obedecesse à professora, e também:

- Se você se sentir só e com medo, peça à professora que ligue para mim, e eu virei buscá-la.

- Está bem - ela sorriu e me perguntou se poderia escutar uma fita com músicas infantis.

- Tudo bem - respondi.

Enquanto ela cantava, eu engolia a seco. Eu a observava.

Estava crescida. Seu pescocinho esticava-se ao máximo para que ela pudesse olhar por cima do painel. Seus olhos brilhavam. Suas mãos repousavam no colo. Seus pés, que mal se estendiam além do banco, estavam calçados com um par de tênis novinho, azul turquesa e rosa.

- Denalyn tinha razão - resmunguei para mim mesmo. - Nunca suportarei o casamento dela.

O que ela está pensando?, imaginei. Ela sabe que, a partir de hoje, começará a galgar os degraus da escolaridade?

Não, ela não sabia. Mas eu sabia. Quantas lousas seus olhos veriam? Quantos livros suas mãos segurariam? Quantos professores seus pés seguiriam e - engoli a seco de novo - imitariam?

Se eu pudesse, com certeza, reuniria todas as centenas de professores, instrutores, treinadores e tutores que ela terá nos próximos 18 anos e anunciaria:

- Esta não é uma aluna comum. É a minha filha! Tomem cuidado com ela!

Estacionei o carro, desliguei o motor, e minha mocinha tornou-se pequenina novamente. E foi a voz dessa menininha que quebrou o silêncio:

- Papai, eu não quero ir.

Olhei para ela. Os olhos brilhantes agora estavam temerosos.

Os lábios que cantavam agora tremiam. Fiz um esforço sobre-humano para não ceder a seu pedido. Tudo dentro de mim queria dizer:

- Está certo, vamos esquecer tudo e ir embora daqui.

Por um rápido momento, que me pareceu uma eternidade, pensei em sequestrar as minhas próprias filhas, pegar minha esposa e escapar dessas horríveis garras do progresso indo viver no Himalaia para sempre.

Mas eu sabia o que era melhor. Eu sabia que havia chegado o tempo. Eu sabia o que era certo. Eu sabia que ela ficaria bem.

Nunca imaginei que fosse tão difícil dizer:

- Querida, você ficará bem. Vamos, eu a levo no colo.

E ela ficou bem. Assim que entrou na classe, a curiosidade falou mais alto. Eu saí. Eu a entreguei. Não muito. Não tanto quanto terei que fazer no futuro, mas na medida em que fui capaz no dia de hoje.